

almas, porque cada uma traz consigo a claridade de um sol e a doçura de uma bênção.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo a 27 de março de 1935)

DE UM CASARÃO DO OUTRO MUNDO

Muitas vezes pensei que outras fôssem as surpresas que aguardassem um morto depois de entregar à terra os seus despojos.

Como um menino que vai pela primeira vez a uma feira de amostras, imaginava o conhecido chaveiro dos grandes palácios celestiais. Via S. Pedro de mãos enclavinhadas debaixo do queixo, óculos de tartaruga como os de Nilo Peçanha, assestados no nariz, percorrendo com as suas vistas sonolentas e cansadas os estudos técnicos, os relatórios, os mapas e livros imensos, anunciadores do movimento das almas que regressavam da Terra como um amanuense destacado de Secretaria. Presumia-o um velhote bem conservado, igual aos senadores do tempo da monarquia no Brasil, coifando os seus longos bigodes e os fios grisalhos da sua barba respeitável. Talvez que o bom do apóstolo, desentulhando o baú de suas memórias, me contasse algo de novo: algumas anedotas a respeito de sua vida segundo a versão popular; fatos do seu tempo de pescarias certamente cheios das estroinices de rapazinho. As jovens de Séforis e de Cafarnaum, na Galiléia, eram criaturas tentadoras com os seus lábios de romã amadurecida. S. Pedro por certo diria algo de suas aventuras, ocorridas, está claro, antes da sua conversão à doutrina do Nazareno.

Não encontrei porém o chaveiro do céu. Nessa decepção cheguei a supor que a região dos bem-aventurados deveria ficar encravada em alguma cordilheira de nuvens inacessíveis. Tratava-se certamente de um recanto de maravilhas onde todos os lugares tomariam denominações religiosas na sua mais alta expressão simbólica: Praça das Almas Benditas, Avenida das Potências Angélicas. No coração da cidade prodigiosa, em paços resplandescentes, S. Cecília deveria tanger a sua harpa, acompanhando o

côro das onze mil virgens, cantando ao som de harmonias deliciosas para acalentar o sono das filhas de Aqueronte e da Noite, a fim de que não viessem com as suas achas incandescentes e víboras malditas perturbar a paz dos que ali esqueciam os sofrimentos em repouso beatífico. De vez em quando se organizariam, nessa região maravilhosa, solenidades e festas comemorativas dos mais importantes acontecimentos da Igreja. Os papas desencarnados seriam os oficiantes das missas e Te Deums de grande gala a que compareceriam todos os Santos do calendário: S. Francisco Xavier com o mesmo hábito esfarrapado com que andou pregando nas Índias; S. José, na sua indumentária de serralheiro; S. Sebastião na sua armadura de soldado romano; S. Clara com o seu perfil lindo e severo de madona, sustentada pelas mãos minúsculas e inquietas dos arcangels como rosas de carne loura. As almas bem conceituadas representariam, nas galerias deslumbrantes, os santos que a Igreja inventou para o seu agiólogo.

Mas... não me foi possível encontrar o céu.

Julguei então que os espíritas estavam mais acertados em seus pareceres. Deveria reencontrar os que haviam abandonado as suas carcaças na terra, continuando a mesma vida. Busquei relacionar-me com as falanges de brasileiros emigrados no outro mundo. Idealizei a sociedade antiga, os patrícios ilustres aí refugiados, imaginando encontrá-los em uma residência principesca como a do marquês de Abrantes, instalada na antiga chácara de dona Carlota, em Botafogo, onde recebiam a mais fina flor da sociedade carioca das últimas décadas do segundo império, cujas reuniões, compostas de fidalgos escravocratas da época, ofuscavam a simplicidade monacal dos Paços de S. Cristóvão.

E pensei de mim para comigo: Os rabinos do Sínodio, que exararam a sentença condenatória de Jesus Cristo, quererão saber as novidades de Hitler na sua fúria contra os judeus. Os remanescentes do príncipe de Bismarck, que perderam a última guerra, desejariam saber qual a situação dos negócios franco-alemanes. Contaria aos israelitas a história da esterilização e aos seguidores do ilustre filho de Schoenhausen as questões do plebiscito do Sarre. Cada bem-aventurado me viria fazer uma solicitação, a que eu atenderia com as habilidades de um portavoz acostumado aos prazeres maliciosos do boato.

Enganara-me, todavia. Ninguém se preocupava com a Terra ou com as coisas da sua gente.

Tranquilizem-se contudo os que ficaram, porque se não encontrei o Padre Eterno com as suas longas barbas de neve, como se fôssem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras católicas, não vi também o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortável como a casa dos Bernardelli na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades da Estíria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais dêsse casarão do outro mundo as notícias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus *in folios*. Nenhum relato havia com respeito aos santos da côte celestial, como eu os imaginava, nem alusões a Mefistófeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a história do fruto proibido, a condenação dos anjos rebelados, o decreto do dilúvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos símbolos. Poucos fatos relacionados com elas estavam naqueles documentos.

O nosso mundo é insignificante demais pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me porém haver descoberto alguns amigos velhos entre muitas caras novas.

Encontrei o Emílio, radicalmente transformado. Contudo, às vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão como recebia os amigos na Pascoal para falar da vida alheia.

— Ah! filho — exclama sempre — há momentos nos quais eu desejava descer no Rio como o homem invisível de Wells e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.

E, na graça de quem, esvaziando copos, andou enchendo o tonel das Danaides, desfolha o caderno de suas anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais idêntica à da Terra. Novos hábitos. Novas preocupações e panoramas novos. A minha situação é a de um enférmo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a minha saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as fôlhas diferentes dos compêndios do Infinito, pulsa como o do estudante nôvo.

Sinto-me novamente na infância. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me às pressas com a má vontade dos garotos incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da mestra Sinhá, que me olha com indulgência através da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: — A B C... A B C D E...

Ah! meu Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandescente nos livros da Natureza. Faze-me novamente menino para compreender a lição que me ensinas! Sei hoje, relendo os capítulos da tua glória, porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os maus, recebendo, numa atividade promíscua, os benefícios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferenda para a tua grandeza! Não posso senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas no dia em que te lembrares do mísero pecador, que te contempla no teu doce mistério, como lâmpada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóis como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucenas. Então, Senhor, como já puseste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lírio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo em 27 de março de 1935)

CARTA AOS QUE FICARAM

No antigo Paço da Boa Vista, nas audiências dos sábados, quando recebia tôda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos maus-tratos.

— Ah! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo!...

O magnânimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadas